



IMPACTO DA LINGUAGEM GENERALISTA MASCULINA NA DOCUMENTAÇÃO DAS CONQUISTAS CIENTIFICA FEMININAS

OLIVEIRA, Ana Luiza¹
LESSA, Natiane Muliterno da Cunha²
GURGEL, Sande D'villa³

RESUMO

Este artigo visa discutir a falta de relatos na literatura que reconheçam a mulher como atriz importante na descoberta da agricultura. Pretende-se aqui, apresentar uma análise da estrutura simbólica da comunicação, ressaltando o possível impacto das categorizações na documentação da descoberta da agricultura. As discussões estão divididas em três* partes, onde na primeira busca-se problematizar a violência simbólica no desfoque da presença feminina provocado pelo código linguístico brasileiro nas descobertas. Em seguida, destaca-se a participação da mulher na Revolução da Agricultura e da conexão que a mesma tem como a terra, em outras palavras a mulher se iguala a terra com única essência para gerar vida e importante no equilíbrio das relações sociais. Por fim, apresenta-se o processo de formação de pensamento a partir de um código de linguagem excludente da participação da mulher, este se caracteriza como uma peça fundamental na construção de um pensamento da sociedade que também exclui a feminilidade como referencial de autonomia e conquistas, assim ao longo da historia, a mulher vai perdendo a sua identidade feminina já que as referencias de reconhecimento da sociedade é de um contexto exclusivo e generalista masculino. Assim utilizando o viés teórico dos conceitos da violência simbólica nas literaturas, pretende-se neste artigo construir uma análise crítica do código linguístico brasileiro e sua capacidade na intervenção e construção do pensamento machista da sociedade atual. A participação da mulher em vários seguimentos da sociedade é notória, porém a falta de reconhecimento do sexo feminino na sociedade, ainda torna-se um impasse na construção de uma identidade social também equilibrada e saudável, na perspectiva que as mulheres não precisem ter referenciais masculinos para atingirem potenciais na vida.

Palavras-chve: Linguagem, reconhecimento, gênero, ciência.

1. INTRODUÇÃO

¹ Aluna do 7º semestre do curso de graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Educação Tutorial Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará. E-mail: luizac.oliveira@yahoo.com.br

² Aluna do 3º semestre do curso de graduação em Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará e bolsista do Programa de Educação Tutorial Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará. E-mail: nati.lessa@gmail.com

³ Coordenadora do curso de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará. E-mail: cecdom@ufc.br



Este artigo visa discutir a falta de relatos na literatura que reconheçam a mulher como atrizes importantes na descoberta da agricultura, e em outras linhas, como a consideração nas áreas científicas. Como objetivo de desenvolver uma análise da estrutura simbólica da comunicação, ressalta-se o possível impacto das categorizações na documentação da descoberta da agricultura e na sobre-excedência da participação feminina na história da humanidade. Assim, busca-se aqui problematizar a violência simbólica no desfoque da presença feminina provocado pelo código linguístico brasileiro nas descobertas tecnológicas. Propõe-se também repensar a construção de pensamento entre linguagem, pensamento e construção indenitária referenciado pelo código de linguagem que despreza o sexo feminino, em sua maioria, generalizando e exaltando a masculinidade.

É importante destacar a participação da mulher na revolução da agricultura e da conexão que a mesma tem com a terra, através de características semelhantes como a de gerar e multiplicar o milagre da vida, tornando-as sagradas, em outras palavras, de essência peculiar no equilíbrio das relações sociais.

2. VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E CÓDIGO LINGUÍSTICO

A violência simbólica é um termo utilizado por Pierre Bourdieu, em seu livro a Dominação Masculina (1990), porém sua construção ideológica surge em outro livro chamado: Poder do Simbólico (1989), nesta última procura enfatizar o poder do simbólico, o qual é invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. Chega-se a essa conclusão a partir da elaboração de observações de como os sistemas simbólicos têm sido entendidos e apresentados tradicionalmente pelos teóricos socialistas.

A dominação masculina encontra-se em pleno exercício quando se fala em aspectos de linguagem. É de conhecimento de todo brasileiro que as palavras que denominam a presença masculina sobressaem-se sobre a feminina, não levando em consideração a presença efetiva desta última, (o coletivo é sempre expresso no gênero masculino para estar gramaticalmente correto, como foi escrito: “é de conhecimento de todo brasileiro”), moldados por estas condições, tem função como um ponto de percepção e reflexão da realidade social, dos pensamentos e ações, com bases



antropológicas ocorre uma inversão baseada no senso comum da identidade biológica com a social.

O problema foi que o sexo natural e o sexo gramatical começaram a se confundir, isto é, adquirir uma relação direta, possivelmente, a semelhança de características com algumas características humanas tenham contribuído para esse embaraço literário. Além da construção confusa da realidade exercida por um código de linguagem (propositalmente ou não) também ambíguo, construiu-se um pensamento desfocado das presenças femininas. Este olhar desfocado sobre as conquistas científicas confundem (ou suprimem) a identidade feminina, pois o referencial social de “ser o melhor”, em outras palavras, o destaque referencial da sociedade é o homem, isso construído em várias instituições (Religião, Estado, Escola, etc.).

A relação de segregação sexual e seu pleno exercício estão presentes em todos os lados da nossa sociedade, algumas vezes em uma apresentação mais clara, outras em um sentido mais discreto, como o presente nos códigos linguístico e na divisão do trabalho, respectivamente. Esses códigos linguísticos são matrizes receptoras dos pensamentos de toda humanidade.

As atividades e esferas onde estamos inseridos constituem matrizes receptíveis da construção dos pensamentos de toda humanidade, assim a representação androcêntrica social está embasa por fundamentos de um senso comum prático, e indiscutível, no sentido de valor funcional e traquejado, perante o fato da reprodução biológica, que refletiu nos processos de divisão do trabalho, e desenvolveu posteriormente um novo arranjo social. Assim a representação de uma dominação masculina mediante ao código lingüístico de uma nação, será associado, compreendido e absorvido por todos os usuários de tal sistema de transmissão desse comportamento implícito (inclusive as próprias mulheres).

3. A POSSÍVEL DESCOBERTA DA AGRICULTA PELA MULHER, A NÃO DIVULGAÇÃO DO FATO E A DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO FENIMINO NA AGRICULTURA.

Nos períodos ainda antes da descoberta da escrita, encontram-se evidências artísticas, tais como desenhos e artesanatos, onde semeia a ideia de que as mulheres



equilibrada e gozava da serenidade da Era da Deusa, marcando a característica pacificadora da mulher; organizadora e planejadora do âmbito social, quando entre os *sapiens* arcaicos, as mulheres se utilizavam da greve de sexo para maximizar o alimento provindo dos homens para a comunidade – não deixando que nenhum homem seja excluído da comunidade (Richard Dawkins - *The Extended Phenotype: the Gene as the Unit of Selection*, 1982); geradora e criadora, seu principal atributo e mais essencial à vida humana, onde o sucesso evolutivo humano dependeu de um intenso cuidado infantil e de alta qualidade no início da pré-história, já que havia alta taxa de mortalidade infantil entre os caçadores-coletores (Nancy Burley - *The evolution of concealed ovulation*, 1979). Assim, como negar a importância e influência da mulher como ser biológico e social? Diante disto, podemos expressar que as mulheres descobriram a agricultura e desde as culturas e conhecimentos antigos estão ligadas à fertilidade e às características da terra em geral, elas também se apresentam em suas maiorias em vários seguimentos de importância na intervenção social da construção das sociedades, porém não se há reconhecimento da importância feminina na evolução das sociedades.

Com todas essas descobertas e papéis decisivos atuantes nas esferas matriarcais de organização, em alguns momentos da história, não são catalogados com transparência e objetividade em suas literaturas, não existe clareza, pois não citam as relevâncias femininas, e inexistente de objetividade que se encontra escrita nos livros e pesquisas são em sua maioria, (d)escrita que não apresentam relevância que nos assegurem a existência do papel (importante) da mulher, tão quanto o dos homens nos meios de produções até os dias atuais.

Segundo Moarcel Mozoyer e Lawrence Roudact (2009), no livro *História da Agricultura no mundo*, entre as milhares de espécies que a evolução produziu em 3,5 milhões de anos, o *Homo Sapien Sapiens*, não apresenta distinção de gênero nas etapas de evolução da agricultura, ou seja, não comenta que a mulher *Homo Sapien Sapiens* participou da descoberta da agricultura, e sim foca na importância de tal fato para uma sociedade de atividade extrativa. Assim, o conceito de gênero abrange as “características psicológicas, sociais e culturais que são fortemente associadas com as



da República), a Igreja (quando biblicamente a mulher deve ser submissa ao seu cônjuge), na Tradição (onde é expresso ao menino que: o meu pai trabalha, e não arruma a casa, por que arrumar a casa é coisa de mulher), na Educação (nosso código de linguagem, essencial na formação e desenvolvimento do pensamento e na aprendizagem cognitiva das crianças, deixa a formação de pensamento ambíguo, ambivalente), focando na Educação, esse código de linguagem excludente na literatura científica está presente em outras linguagens sociais, nas imagens, músicas, no falar nos corredores do trabalho. A linguagem (in)conscientemente se produz (in)diretamente nas relações sociais.

Essa denominação masculina generalista desenvolve, quando crianças e fortalece ao longo das relações, a ideia de que o homem é referência de evolução social, as estratégias de organização, de vestir-se, de habilidades, até de sexualidades masculina. Mulheres na perspectiva de igualar o reconhecimento de suas capacidades desenvolvem-se em perspectiva de uma referência masculina, pois nas mídias e literaturas no código de linguagem, em tudo a referência é o masculino, a essência feminina torna-se evasiva as sociedades modernas.

4. REFLEXOS DA LINGUAGEM, PENSAMENTO, E CRIAÇÃO DE GÊNERO NAS LITERATURAS CIENTÍFICAS.

Este fato é um processo no qual se está imerso inclusive antes de nascer, nas expectativas que a futura família tem sobre os que irão vir ao mundo e pelo qual aprendemos e interiorizamos: as normas, valores e crenças vigentes na sociedade. Há estudos sobre discurso organizacional que, numa perspectiva crítica feminista Gherardi (1994), Martin (1990), problematizam a noção de gênero, argumentando que questões de discurso, poder e controle, podem somente ser percebidos pela análise das formas de como a conversa constrói socialmente as definições de masculinidade e feminilidade e interações entre homem e mulher. Mencionando a Revista Língua Portuguesa (Ed.39, 2012), a reportagem escrita pelo professor Francisco Edmar Cialdine Arruda (da Universidade Regional do Cariri, mestre em Lingüística aplicada pela Universidade Estadual do Ceará e pesquisador do Grupo de Pesquisa em



Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS) e do Núcleo de Pesquisas em Linguística Aplicada (LiA), atuando principalmente com os temas Terminologia, Lexicografia, Surdez, Multimodalidade e Estudos clássicos):

Logo quando o homem evoluiu e adquiriu a capacidade da linguagem, ele precisou separar, classificar as coisas que existiam em seu mundo. Acredita-se que a primeira classificação feita pelo homem tenha levado como referência a si própria. Teríamos assim aquilo que sou “eu” e o que não sou “eu”, o externo ao homem. Esse ponto de partida fez com que ele mesmo, o homem, fosse parâmetro para todas as coisas – os gregos antigos costumavam dizer, assim, que o homem é a medida de todas as coisas.

Percebemos a importância do “eu” na língua em situações como da língua inglesa, em que o pronome pessoal “I” é escrito sempre com letra maiúscula. Com o tempo, o homem passou a perceber as semelhanças e diferenças entre si e as outras coisas e o “movimento” passaram a ser um critério. Explicando melhor, havia coisas que, como ele, era animado, e outras que não eram animadas. Dentre os seres animados, com o tempo, notou-se a existência de dois grupos diferentes. Foi então que o sexo real passou a ser percebido pela linguagem humana e surgiu o masculino, o feminino (levando em conta o sexo natural dos seres) e aquilo que nem era feminino nem masculino, porque não possuía sexo real ou o sexo real não era facilmente identificável.

O problema foi que o sexo natural e o sexo gramatical começaram a se confundir, isto é, perder a relação direta. Um dos motivos talvez tenha sido a semelhança de algumas coisas com algumas características humanas. Exemplificando: em várias línguas, os nomes de árvores são do gênero feminino. O que explicaria isso? Que semelhança poderia haver entre uma mulher e uma macieira, por exemplo? Ambos geram vida e alimento! Na mesma linha, temos a palavra criança em alemão, “Kind”, que não possui sexo, ou melhor, é do gênero neutro, uma criança, então, não teria sexo como um homem ou uma mulher (acrescentando exemplo em frase: Ein **kind** im garten spielt. Traduzindo: A criança brinca no jardim, além disto, podemos citar também que os substantivos coletivos que são de gênero neutro, como das volk – o povo, expressamente diferente do nosso português.



Em outra linha de raciocínio, na língua inglesa o pronome “it” é comumente usado para objetos e animais – ou mesmo em sentido pejorativo para se referir a alguém. Todavia, não raro, encontramos o uso de “she” ou “he” (feminino e masculino, respectivamente) ao ser mencionado um animal de estimação. Ora, a familiaridade com o animal lhe permite que o dono se refira a ele por seu gênero real.

Seguindo esta linha de raciocínio o problema foi que o sexo natural e o sexo gramatical começaram a se confundir, isto é, perder a relação direta. Além da construção confusa da realidade exercida por um código de linguagem (propositalmente ou não) também confuso, constroem-se um pensamento desfocado das presenças femininas. Este olhar desfocado sobre as conquistas científicas confundem a identidade feminina, pois o referencial social de “ser o melhor”, em outras palavras o destaque referencial da sociedade é o homem, isso construído em varias instituições (Igreja, Estado, Escola) como já exposto.

A função reprodutora biológica passou a determinar a formação das divisões sociais e de trabalho e ao longo do tempo, passou a ser controlador da ordem natural e social. Atualmente seguimos um modelo de construção arbitrária do biológico e também inserimos na construção da identidade do corpo, seus usos e funções, biológicas e sociais. O pesquisador Bourdieu nos sugere que a formação da dominação masculina teve início a partir da ideia que a força particular da androcentria vem do fato de ela acumular a legitimação de uma relação de dominação, inserindo-a em uma natureza biológica, e a construção social que dominou a esfera biológica, ou seja, foi neutralizada.

O paradoxo da incorporação da dominação masculina está na percepção das diferenças biológicas/fenotípicas que são percebidas segundo uma análise de uma visão reducionista e androcêntrica, estes princípios de indiscutíveis valores, criado uma visão de diferenciação dos corpos como uma essência de uma hierarquia sexual socializada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

